

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A PASTORA NA VINHA

JUCIANE VAREIRO ALES

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

7463

Turma 2002/1

Ex 02

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A PASTORA NA VINHA

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes
e Lacerda como requisito final para a
obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Isaac Newton A. Ramos

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu orientador **Prof. Isaac Newton Almeida Ramos**, pois sem ele não sei se iria tão longe.

AGRADECIMENTOS

**Agradeço aos meus pais por este
momento, pois sei ser mais deles do que
meu.**

“Ah! Beija-me com os beijos de tua boca”.

SUMÁRIO

Introdução	01
A pastora na vinha – I	02
Introdução	03
A pastora na vinha – II	05
Diálogo - I	07
Monólogo da pastora	13
Poema Nupcial	14
Os encantos da esposa	16
O sonho da esposa	18
Louvores do esposo	21
Resposta da esposa	22
Diálogo - II	23
Considerações finais	25
Bibliografia	26

INTRODUÇÃO

Muito se acreditava no amor, porém o ceticismo, fez com que este sentimento fosse confundido pela forma carnal da paixão. Mas será que apenas o mero desejo, pode substituir o verdadeiro amor, o sonho, e todo o encantamento de um começo? Salomão foi um rei muito sábio, que acreditava no amor, poderia traduzir seus sentimentos abertamente, mas preferiu fazê-lo da forma mais poética que encontrou. Escreveu os Cânticos repletos de metáforas e muito romantismo, onde narra o amor entre uma pastora e seu convívio com um pastor. Cada comparação que utiliza está ligada a natureza, rica em detalhes, também impregnada de sabores e fragrâncias que permeiam cada capítulo.

Neste trabalho foi utilizado como objeto de pesquisa uma bíblia mais atualizada, pois as versões mais antigas estão repletas de expressões em hebraico o que indicaria a necessidade de um estudo mais aprofundado desta outra língua para que os Cânticos pudessem ser interpretados.

“A PASTORA NA VINHA – I ”

“Ah! Beija-me com os beijos de tua boca!”

Cântico dos Cânticos 1:2

Embora em nome do amor muitas impunidades sejam cometidas, ainda assim não poderia deixar de existir, pois o que seríamos sem o amor?

Sem dúvida, os mais belos versos já escritos podem ser lidos em *Cântico dos Cânticos*, uma das melhores obras da Bíblia, atribuída ao Rei Salomão, embora sem grande fundamentação histórica. Filho de Davi e Betsabé, Salomão foi um rei abençoado por Deus que lhe concedeu o direito de pedir o que quisesse, a quem Salomão pediu sabedoria. A moderação de Salomão lhe concedeu ainda riquezas e foi o rei que possuiu um dos reinados mais gloriosos que nenhum príncipe da terra já teve. Foi muito famoso também, pelo seu imenso amor as mulheres e por ter em seu harém mil mulheres, das quais setecentas tinham o título de rainha.

A linguagem poética dos Cânticos encantou durante séculos o coração de muitos apaixonados. Estes mesmos apaixonados viram nos poemas a personificação de um sentimento, a beleza das palavras escritas que poucos tiveram coragem de deixar aflorar como prova de sua lealdade e sua entrega ao amor. Trata-se de um poema que exalta e canta o amor humano como fruto da natureza sexuada, origem da complementaridade e convívio social. Considerado sob o aspecto formal como um poema dramático-idílico em que aparecem duas personagens principais, a esposa e o esposo e um coro das filhas de Jerusalém. De acordo com

alguns críticos, pretendem ver nele uma outra personagem, que seria diferente do esposo, simples pastor, pelo qual a esposa resistiria as blandícias do rei.

Cântico dos Cânticos está escrito em onze etapas que são descritas como: “Introdução”, “A pastora na vinha”, “Diálogo”, “Monólogo da pastora”, “Poema Nupcial”, “Os encantos da esposa”, “O sonho da esposa”, “Elogio da esposa”, “Louvores do esposo”, “Resposta da esposa” e “Diálogo”. Essa divisão é estabelecida em Bíblias de traduções mais recentes, nas Bíblias um pouco mais velhas, os Cânticos foram separados em sete Cânticos.

Nesta análise optamos por uma tradução mais recente, para ordem de melhor entendimento.

INTRODUÇÃO

Na introdução dos Cânticos percebemos que todo o poema é formado por uma linguagem metafórica permanente e de comparações tácitas. Nem sempre é fácil distinguir qual a pessoa que fala. Vários personagens intervêm no poema, o esposo, a esposa, o coro das companheiras da esposa, e o próprio poeta.

O delírio do primeiro verso reside em todo o enlevo com que o esposo, se entrega amorosamente ao encanto do beijo de sua amada, comparando o contato de sua esposa a inebriante e fantasiosa presença que o vinho exerce “Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho e suave é a fragrância de teus perfumes”. (B.S. 1:2 p 826).¹

As comparações que o esposo faz de sua amada prosseguem, quando o nome dela é comparado “a um perfume derramado”. Essa terminologia exige um pouco de observação do

¹ As citações Bíblicas foram retiradas da Bíblia Sagrada, 10ª edição, Ed. Ave Maria Ltda, S.P., 1997. Todas as citações estarão na sequência da sigla B.S. (Bíblia Sagrada) ,capítulo, versículo e página., de Cântico dos Cânticos.

objeto em si. Um perfume exala sua fragrância a distâncias consideráveis. Sua presença como essência pode ser maior ainda se derramado aleatoriamente. Ele toma corpo, expande, avança, e acaba por cativar. O poeta justifica o amor das outras jovens por sua amada devido ao nome dela exercer esse fascínio que inebria as sensações daquelas pessoas que podem se deleitar com sua presença.

A presença marcante que temos, a sensação de materialização deixa margens para que se questione se o sentimento em questão é algo que o tortura, mas pelo contrário, é algo que o completa, faz parte de sua essência e de sua existência, pois sem a presença da amada não há a realização de seus anseios que o fazem exultar de alegria perante a idéia das carícias que “inebriarão mais que o vinho”.

A poesia tem o poder de isolar as pessoas em seus próprios sentimentos, fazendo com que se satisfaça com seus pensamentos e as ilusões que o amor produz, fazendo com que aquele que lê uma obra reconstrua a ilusão do poeta em um outro nível onde ele, leitor, personifica as ilusões do poeta como suas, não se perde a comunicação, apenas há a reconstrução da solidão em outra dimensão.

De acordo com Maurice Blanchot, o escritor em sua obra isola-se, afasta-se para se refugiar na solidão, mas não perde a habilidade de comunicar-se :

“A obra é solitária: isso não significa que ela seja incomunicável, que lhe falte o leitor. Mas quem a lê entra nessa afirmação da solidão, tal como aquele que a escreve pertence ao risco dessa solidão”. (p. 12)²

No caso da introdução que é a primeira parte dos Cânticos, esse conceito de Blanchot

² BLANCHOT, Maurice. O Espaço literário. (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1987.

encontra reflexo, pois o autor encontra-se tão absolvido pelos seus sentimentos que está sim em sua solidão. O leitor compartilha de seus anseios, que são visíveis, quando demonstra seus sentimentos, os segredos são deixados de lado e manifesta seus anseios de forma natural, como se precisasse expressar o que sente, para dividir seus sentimentos que já não consegue aprisionar dentro de si. Há a solidão do sentir, seu interior que medita sobre o que o rodeia, sobre o que o atormenta, mas não o aprisiona em si quando irradia sua exuberância no ato de uma confirmação pessoal, “Quanta razão há de te amar”. (B.S. 1:4 p 826)

A PASTORA NA VINHA - II

Em “A pastora na vinha”, inicia-se identificando a fala da amada que se apresenta, mencionando sua tez morena, seguida de um “mas”, acrescentando que é bela. A amada é firme em sua afirmação, “Sou morena”, presente do indicativo, indicação do reconhecimento de sua cor. Logo percebemos que o padrão de beleza basicamente não seria a de uma jovem com a pele morena, queimada de sol, e sim de pele alva. Embora seja morena ela faz questão de frisar que é bonita. E a referência à cor de sua pele vem vinculada a caracterização do povo da tribo de Cedar, povo nômade da Arábia. “Sou morena, mas sou bela, filhas de Jerusalém, como as tendas de Cedar, como os pavilhões de Salomão”. (B.S. 1:5 p. 826)

A justificativa para o tom de sua pele tão morena, é devido ao trabalho nas vinhas, ao sol diário, graças a imposição de seus irmãos que a colocaram para trabalhar, pois estavam irritados com ela. A desolação por ter que trabalhar guardando as vinhas, denota a perda de algo pessoal, por ter se empenhado em uma tarefa que não lhe deixara tempo para cuidar de si mesma ou guardar a própria vinha. “Os filhos de minha mãe irritaram-se contra mim; puseram-me a guardar as vinhas, mas não guardei a minha própria vinha”. (B.S.1:6 p. 826)

Percebe-se um tom de recriminação por algo que se perde, algo que não foi preservado, talvez a inocência perdida, o amadurecimento antes do tempo, como as vinhas ao sabor do sol. Diríamos, a entrega ao trabalho diário da imposição, que também é uma entrega diante da vida. Os cuidados com suas próprias vinhas deveriam ter sido o seu maior cuidado, não com as vinhas alheias. A preservação da pureza, seu bem maior, compreensão de perda sem reposição. A percepção da amada é algo singelo que a leva a buscar seu amor sem profanação, e busca a presença de seu amado, pois é o amor dele e sua presença que a fará digna perante os olhos de Deus. A intenção do poeta não é a de ser declarado, ele busca a simbologia, mas nem tudo pode ser compreendido através da razão translúcida, muito se faz compreensível através de sua falta total de lógica. T. S. Eliot diz que “a poesia pode comunicar-se ainda antes de ser compreendida”. Onde estaria então a magia, o fascínio do que aparentemente não está posto, mas é mais eloqüente do que mil palavras, fazendo os elementos serem meros marionetes de uma linguagem maior? É este poeta que se delicia com os afagos meigos das palavras que escorrem pelos lábios de sua musa e que degusta a linguagem dos dois amantes não como um belo manjar, mas como o sabor cálido e adocicado de algo que alimenta em vez de iludir, é nesse jogo que enfatiza como manto todo o ar etéreo da relação que tem diante de si.

“Dize-me, ó tu que meu coração ama, onde apascentas o teu rebanho, onde o levas a repousar ao meio-dia, para que eu não ande vagueando junto aos rebanhos de teus companheiros”. (B. S. 1:7 p.826)

O pedido da amada talvez seja o pedido não declarado daquela que pede abrigo, que pede proteção, “(...)Onde apascentas o teu rebanho, onde levas a repousar ao meio-dia”.(B.S.1:7 p.826) a busca não é a simples procura da pessoa, da presença e sim a busca de quem não pretende vaguear sozinha destituída de sua proteção. A proteção que o amor lhe confere é, nesse instante que a amada menciona, o fato de querer saber onde encontrar o amado para que não ande junto ao rebanho de seus companheiros. Pode não haver também uma busca real da essência e sim a busca do eu poético, a busca do amor que impulsiona, embora o amor seja algo brutal para alguns, é ele que confere e governa os impulsos em determinados momentos e que se torna neste instante a força que guia. Não se sabe ao certo se a busca da amada é uma busca física ou se, na realidade, a busca é metafórica. Essa busca encontra como resposta aos seus anseios o conselho “para que siga as pisadas das ovelhas”, que são animais dóceis e que com certeza serviriam como um guia para caminhos mais certos, a exemplo de um farol. Diz ainda: “e apascentas os cabritos”. Pode-se depreender deste conselho algo como: “escutas a razão, não sigas apenas os impulsos, sendo dócil como os carneiros, em vez de tentar entender as inquietudes do coração, irrequieto como cabritos”.

DIÁLOGO - I

Já na terceira parte, temos um diálogo, entre o amado que graceja a beleza de sua amada, em fortes metáforas de entoação a beleza daquela que considera a mais formosa de todas as mulheres.

“A égua dos carros do faraó eu te comparo, ó minha amiga; tuas faces são graciosas entre brincos, e teu pescoço entre colares de pérolas. Faremos para ti brincos de ouro com glóbulos de prata”. (B. S. 1:9-11 p. 826)

A comparação da beleza de sua amada com a de um animal majestoso, combina beleza e força ao mesmo tempo. É uma combinação perfeita entre opostos. Mostra-se a beleza graciosa, de trejeitos perfeitos e gestos fortes, a qual é comparada a de um animal, só que não um animal qualquer, e sim o primeiro dos animais em um reino. No caso, o único a servir um faraó, em sua simbologia, a pessoa digna de um rei, e quando menciona a égua dos carros do faraó remete-se logo a imagem de um animal belíssimo e, é claro, com inúmeros adornos, para realçar a beleza de um animal perfeito. Neste ponto percebemos que o poeta fala do pescoço da amada e temos a idéia de um pescoço alongado como o de uma garça, delicado e refinado entre adornos diversos, e a riqueza dos adornos é símbolo de que nada é tão valioso que não possa servir para enfeitar ainda mais e coroar tamanha beleza.

Nesse ponto poético é que é possível perceber que não seria possível tamanha beleza se toda a crueza primitiva fosse deflagrada em uma linguagem destituída de beleza poética. Temos então o sentido do enigma e da magia fazendo com que a imaginação consiga decifrar e coroar tamanha irreabilidade, com a beleza que é tão peculiar a obra poética. Não é necessário ser compreensível, basta querer fazer-se compreensível e apenas alguns poderão ver realmente o que não está posto, e sim o que pode realmente fazer a diferença.

“(…) Existe um parentesco secreto entre as antigas práticas e a magia que atua na poesia”; poetar significa, portanto: “evocar o objeto calado numa obscuridade propositada, por meio de palavras alusivas, jamais diretas”, e o poeta é “o mágico das palavras”. (p. 399).³

³ FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da Lírica Moderna. (da metade do séc. XIX à meados do séc. XX). Trad. Marise M. Curioni. 2ª ed. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1991.

Nessa mágica combinação de palavras o poeta consegue alusivamente falar de todo o encantamento da amada sem ser direto, calado na obscuridade de duplos sentidos, incompreensíveis aos olhos daquele que não está pronto para entender.

Já, segundo Francis Landy, em *Cântico dos Cânticos*, o paradoxo germinal dos Cânticos é:

“(...) a união de duas pessoas por intermédio do amor. Os amantes buscam um ao outro por meio do mundo e da linguagem, que os separa e envolve. O corpo é o meio dessa busca e é o limite entre o mundo e o eu, assim, o corpo vem a representar o eu para o mundo e o mundo para o eu. Ele se torna o foco da metáfora, a conjunção de termos diferenciados”. (p. 328)⁴

Temos então, segundo Francis Landy, um foco para a linguagem poética, que é o corpo, embora seu conceito é de que o corpo é o meio da busca entre o mundo e a linguagem que separa os dois amantes; isso não seria plausível, pois conceber tal foco poético friamente através apenas do apelo carnal, seria reduzir ao mero desejo, frívolo e voraz todo o amor que une duas pessoas, é ignorar a busca a qual se refere e que se faz através da linguagem que tende a aprisionar através de seu encantamento e do mundo que tende a separa-los.

O encantamento produzido pela linguagem poética impede que se reduza ao plano da carne sentimentos que são alimentados pelo sonho, pois não há a necessidade de se encobrir algo que pode ser notado, então mencionar que a metáfora é um mero elemento poético da obra é desdenhar de toda eloquência que pode ser produzida ao reproduzirmos a magia em palavras. Do ângulo de visão que podemos notar de Francis Landy, o apelo sexual parece

⁴ LANDY, Francis. *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Raul Siker. Editora Unesp. São Paulo, 1997. As citações utilizadas deste livro apresentarão apenas a numeração da página e referência ao capítulo de *Cântico dos Cânticos*.

sempre em destaque, encoberto simbolicamente por metáforas, insinuações que são formadas ao redor do tema “amor”. A confirmação dessa afirmação seria o mesmo que negar que a magia poética é desnecessária, embora não seja possível negar que a beleza está nos olhos de quem vê e não daquele que procura realmente deflagrar o lado promíscuo (se é que ele existe), puramente pelo prazer de banalizar o que para outros seria a própria salvação. Talvez não seja puramente o amor a chave do segredo, mas é certo que é impulsionado por ele.

“A união dos amantes é , então um meio para a descoberta de uma identidade comum entre termos distintos, é uma metáfora para o processo poético. O tema do poema não é só ou simplesmente o amor humano, mas tudo o que entra em relação com ele no poema”. (p. 328).⁵

As palavras são caprichosas e não aceitam ser tratadas de forma tão frívola, como operárias sem valor, elas existem e negam toda a existência vazia que alguns escritores insistem em lhes conferir.

No versículo 12 do capítulo 01, temos a voz da amada que admira seu amado, e que apesar dos Cânticos parecerem se referir a um pastor, em outras situações parece se referir a um rei. Nesse ponto temos um sinal dessa afirmação, quando a amada menciona.

“Enquanto o rei descansa em seu divã, meu nardo exala seu perfume; meu bem, amado é para mim um saquitel de mirra, que repousa entre os meus seios; meu bem amado é para mim um cacho de uvas nas vinhas de Engadi”.(B.S. 1:12 p. 826)

A amada menciona o fato do “rei” descansar, em vez de “meu rei”, a impessoalidade vem confirmar o fato de que se trata mesmo de um rei. Os versículos 12,13 e 14 reproduzem a

⁵ LANDY, Francis. Cântico dos Cânticos.

voz da amada e parecem denotar um encontro amoroso, pois a amada menciona que seu amado “é um saquitel de mirra que repousa entre os meus seios”. (B.S. 1:13 p. 826). O enlevo da afirmação traduz toda a simbologia da mirra, que é uma planta aromática utilizada em incenso e perfumaria. Aparentemente seria o amado que repousa entre seus seios, vistos, e seu perfume sedutor lembram as vinhas, estas que na idade antiga eram símbolo de prosperidade.

Já no versículo 15 o amado faz outro elogio a sua amada, só que agora compara os olhos da amada a pombas. Neste versículo falta uma palavra, um complemento da idéia, mas não é difícil imaginar a beleza dos olhos, singelos delicados e doces como o próprio animal.

Já nos versículos 16 e 17 a amada torna a mencionar a relação a dois, de forma a exaltar novamente a beleza de seu amado, e a seguir menciona o leito, compara-o a um “leito verdejante”. Diria um leito cheio de vida, de exuberância. O verde é a cor da esperança. Menciona também as vigas da casa de cedro. O melhor cedro era retirado antigamente do Líbano. As traves são comparadas a ciprestes. Neste ponto do poema é possível imaginar o luxo de um palácio, com suas riquezas a proporcionar tanta vida, ou mesmo a imagem singela da Bíblia que remete ao paraíso, como as descrições do Paraíso de Milton, jardins perfeitos, naturais em sua essência, arranjados de forma a não perderem sua naturalidade.

Já no capítulo 2, versículo 1, temos a voz da amada que se compara ao *narciso*, planta ornamental, muito perfumada e de flores muito apreciadas. Ela é consciente da própria beleza, e a esta comparação temos o amado que a compara ao lírio entre os espinhos, para referir-se a sua amada em relação às outras jovens. A beleza da amada é tão grande e tamanha é a sua delicadeza entre as jovens que ela difere como um lírio, entre plantas grosseiras e com espinhos. A linguagem metafórica está fortemente impregnada na linguagem dos amantes em todos os versículos 1,2 e 3 do capítulo 02. Ainda temos mais uma comparação que a amada

faz, comparando-o a uma macieira entre as árvores da floresta. No caso, a macieira simboliza toda sensualidade e a doçura que uma árvore pode produzir. Normalmente algumas árvores não produzem bons frutos, e muito menos agradáveis, então a amada prefere a sombra do amado como se este fosse a árvore mais acolhedora que poderia escolher. Tal situação se dá quando menciona: “e seu fruto é doce à minha boca”. (B.S. 2:3 p.826). A insinuação dos beijos do amado que são considerados doce à sua boca, não poderia encontrar maior deleite do que o beijo esperado. Nesse ponto o eu poético transfigura-se em linguagem pura para expressar todo o sentimento que envolve o momento. Esse momento não pode ser deixado apenas esquecido no tempo, ele teve que ser imortalizado na linguagem.

“Ele introduziu-me num celeiro, e o estandarte, que levanta sobre mim, é o amor. Restaurou-me com tortas de uvas, fortaleceu-me com maçãs, porque estou enferma de amor”. (B.S. 2:4 p. 827)

Em outras traduções esta parte seria:” Numa casa onde se bebe vinho em sinal do amor”. O poeta menciona *estandarte*, o que seria o mesmo que bandeira, neste ponto o encantamento da amada é em relação à exuberância que expressa neste momento e que ela sente como prova de amor, a prova que encontra do amor que o amado expressa por ela. Novamente a menção ao fruto, a maçã, como os beijos que seriam todo o desejo daquele momento, a ânsia do sentir em apenas um beijo. Francis Landy faz menção ao fato de os gostos e fragrâncias nos Cânticos estarem intimamente ligados:

“Visão e cheiro são as sensações dominantes do Cântico; o gosto é associado ao último, e ao metafórico alimentar por meio do qual a absorção de comida é relacionada com o prazer amoroso”. (p. 332)⁶

⁶ LANDY, Francis. Cântico dos Cânticos

Nos versículos 6 e 7 temos um estribilho, que se repetirá por três vezes, em 3, 5 e 8, 4, mas não é dito por nenhum dos amantes; é uma exclamação do poeta.

MONÓLOGO DA PASTORA

Nos versículos 8, 9 e 10 a pastora parece estar em casa à espera da visita do seu bem-amado. A amada espera pelo seu amor em compasso de angústia, e escuta a voz de seu amado que vem entre montes e colinas, e ela o compara com a gazela e o cervo. Os animais destes três versículos são relacionados pela sua beleza e agilidade, atributos que são relacionados ao amado da pastora.

Já em 11, 12, 13 e 14 temos a pastora que menciona frases do amado, que são saudações a estação das flores que substituiu o inverno com suas chuvas. Nele o amado faz eloquentes elogios a estação das flores como sendo ela a estação das músicas, pode ser subentendido como um momento de tranquilidade que vem após as tempestades, ele menciona, as flores, canções, a natureza esta presente em cada momento e a cada verso, como se através dela fosse possível definir todo o seu sentimento de bem estar que não poderia ser definido se não ligado a vida, novamente as frutas são mencionadas, a figueira, e o perfume das vinhas também são lembrados, a música é citada ainda no pedido do amado que se deleita pelo fato de poder ouvir a voz da amada, “tua voz é tão doce, e delicado teu rosto”! (B.S. 2:14 p.828)

No versículo 15, encontramos uma terceira voz, que pode ser um coro, que faz um apelo: “Apanhai as raposas, essas pequenas raposas que devastam nossas vinhas, pois nossas

vinhas estão em flor”. (B.S. 2:15 p.828). Neste caso temos um verso perceptivelmente colocado pelo poeta, na boca de uma terceira pessoa, o poeta deixa transparecer um apelo de alerta, as raposas poderiam muito bem ser jovens, que perturbam o coração das donzelas, a falta de cuidado com a conduta poderia acarretar danos irreparáveis a sua honra.

Temos no capítulo 3 versículo 1,2, e 3, a angústia da amada que procura pelo seu amor em desespero, não há paz em sua alma, e tudo a obriga a procurá-lo na noite, percorre ruas, praças e pergunta aos guardas que a encontram, não paz em seu peito, só tormento, a procura de alguém que não consegue encontrar, muito provavelmente, uma alusão ao não poder alcançar uma busca de algo que não está ao seu alcance.

O sentido poético faz com que a ânsia da amada transforme-se em pura exaltação, sua busca traduz uma paixão sem limite, que é apaziguada com o encontro de seu amado nos versículos 4 e 5 do capítulo 3. Há nesses dois versículos um apelo do amado que pede que as donzelas não se precipitem por buscar o amor antes do tempo, que existe a época certa para se amar.

POEMA NUPCIAL.

Temos neste subtítulo, que começa no versículo 6 do capítulo 03, uma voz que exclama diante de uma visão, das colunas de fumaça e o perfume da mirra e incenso, prenúncio da realeza com certeza. O trecho que começa aqui parece englobar-se ao seguinte até 5,1. Vem do deserto um cortejo trazendo o bem-amado que, desta vez, não é mais um pastor, mas o próprio rei Salomão. Nos versículos 7, 8 e 9, há uma bela descrição da chegada do rei Salomão acompanhado de seu séquito onde aparece a liteira do rei escoltada por uma

guarda de sessenta guerreiros, hábeis na espada. A liteira de Salomão fora feita com madeira do Líbano, e com colunas de prata, seu encosto de ouro, seu assento de púrpura e bordado. Tanto luxo só poderia ser condizente realmente a um rei. Percebe-se nesta cena uma elevação do luxo como algo condizente a beleza do rei Salomão, que tem tantos adornos e riquezas, apenas como meros detalhes de sua beleza e sua realzeza.

Nos versículos 10 e 11, temos uma voz que instiga as donzelas a admirarem o rei Salomão, que ostenta em sua cabeça o “diadema”, coroa recebida de sua mãe pela ocasião de suas núpcias. Temos ainda a afirmação da alegria de Salomão na voz que diz: “(...) no dia de suas núpcias, no dia da alegria de seu coração”. (B.S. 3:11 p.829). A alegria conjunta de ser coroado rei e de casar-se.

Na forma poética, o texto foge a rigidez científica, e o poeta se entrega a liberdade do bem expressar, liberando-se do discurso autoritário e ideológico. Todo o poema desdobra-se como espaço de experimentação, de configurações variadas, de recursos múltiplos, que substituem a unidade do enunciador pela pluralidade dos enunciados, ricos em metáforas. O leitor, estabelecendo as relações textualmente sugeridas pelo poeta, participa abertamente da invenção de outro espaço, no qual o poema, livre de compromissos, surge como lugar em que idéias se fazem e desfazem, e se refazem. A liberdade que o poeta utilizou para falar de sentimentos mostra a sua experiência e aversão a qualquer limite, minando os gêneros e conceitos, contradizendo a opinião que muitos críticos têm formada, de que os Cânticos são apenas um amontoado de metáforas.

Nos Cânticos não afloram apenas as metáforas, mas sim expressões de puro deleite não de todo simples para fluir de qualquer cérebro; apagam-se os limites entre ficção, e o termo ficção passa a ser mero detalhe de criação, de invenção do irreal, e então quem poderá negar, que o espaço de criação poético não é real?

OS ENCANTOS DA ESPOSA

Este subtítulo começa no capítulo 4, em que o amado entoa galanteios em reverência a beleza de sua amada do versículo 1 ao 7.

“Tu és bela, minha querida, tu és formosa!
Por de trás do teu véu os teus olhos são como
Pombas, teus cabelos são como um rebanho
De cabras descendo impetuosas pela
montanha de Gallad”. (B.S. 4:1 p. 829)

O discurso apaixonado do rei à sua esposa, que começa pelo elogio de seus encantos entre os versículos 1-7, retrata o encantamento simbólico da vida em outros seres, que o rei relaciona a sua esposa. Ele compara os olhos dela as pombas, leves, suaves, risonhos e por que não dizer apaziguados na sua doçura. Seus cabelos são comparados a cabras impetuosas, leves, esvoaçantes, irrequietos, e soltos desciam livremente entre as costas da amada. Os elementos naturais não poderiam deixar de existir para definir a beleza, as comparações, aproximam mundos aparentemente distantes, porém ligados através da beleza. Outras comparações são feitas no versículo 2, como a comparação dos dentes com ovelhas, recém tosquiadas e saídas do banho; certamente, os dentes deveriam ser brancos, e de uma tal suavidade que poderiam chegar a serem considerados macios. A esta passagem Francis Landy menciona que:

“Cada um contém a essência de pardes, paraíso do Cântico. Igualmente, nos retratos formais dos amantes, a estrutura aberta, que

fragmenta o corpo em partes, desconectadas, reveste uma coesão oculta graças ao jogo de palavras". (p. 330)⁷

Os lábios são como um fio de púrpura, de traços suaves, curvatura sugestiva, e púrpura o suficiente para serem um deleite. Francis Landy faz menção a esta passagem também mencionando que, sintaticamente, cada sentença com sua imagem é separada, cada palavra existe desligada de sua imagem, e sua quietude é marcada por uma completa ausência de verbos principais no hebraico, língua original em que foi escrita os Cânticos. A única relação entre locuções é de proximidade e progressão, da face ao pescoço e daí aos seios. De acordo ainda com Francis Landy, mediante a sequência de palavras traduzidas do hebraico temos uma relação de simetria, com as palavras *shinavikh*, *shani*, *shenei* e *shoshanim*, (*dentes*, *vermelho*, *dois* e *açucenas*). Observamos um contraste com branco e vermelho, sugestivamente dentes e lábios, duplicidade e divisão. Os dois seios, enfatizados pela repetição, são como dois filhotes. Os dentes, uma forma dual em hebraico, são como ovelhas com seus gêmeos e no meio o fio formado pelos dois lábios, e as metades da romã ressaltam a possibilidade de ruptura.

Já a partir dos versículos 8 ao 15 notamos o apelo do amado que insiste para que sua esposa parta com ele. Nesta passagem há menção a alguns pontos bíblicos como os cumes de Amaná, Sanir e Hermon. A paixão do esposo é tamanha que não se nega seu estado totalmente enamorado, que o faz delirar com apenas um olhar de sua esposa, e menciona que as suas carícias o inebriam mais do que o vinho conforme mencionado anteriormente. Ainda, menciona que o seu perfume é mais aromático do que qualquer fragrância e se deleita com seus lábios que "destilam mel; há mel e leite sob a tua língua". (B.S. 4:11) p. 829.

⁷ LANDY, Francis. Cântico dos Cânticos.

O esposo compara a esposa nesta passagem a uma profusão de ervas aromáticas, especiarias e frutos como: romãs, nardo (raiz aromática do Oriente Médio), açafrão (condimento), incenso, canela, cinamomo, mirra e aloés (planta medicina e ornamental). E uma vez mais aparecem os elementos da vida presente, desta feita na forma de uma fonte, “fonte de meu jardim”, a qual o esposo compara a amada, fonte esta de água viva, centro da existência de seu amado que concebe a mesma como o centro de sua existência. Afinal, flores, vida e jardins não existem sem água.

No versículo 16 do capítulo 4 a amada em resposta aos gracejos, roga aos ventos que metaforicamente soprem em seus jardins para que se exalem seus perfumes. Logo após convida seu amado que entre no jardim, e prove de seus frutos, ou mais diretamente de seus encantos femininos.

No capítulo 5 aparece o esposo mencionado no versículo 1, que após provar dos encantos de sua esposa, simbolicamente aqui representada por um jardim, menciona aos amigos que se divirtam e se inebriem. Nesta passagem há duas vozes sobrepostas, a do poeta e a do esposo, ambas convidam os amigos para festejarem as núpcias.

O SONHO DA ESPOSA

Do versículo 2 ao 16 do capítulo 5 há um sonho no qual a amada parte em busca do seu esposo, passagem semelhante a 3,2-5. Nestes versículos a esposa sonha que seu amado a procura durante a noite, e ouve a sua voz, porém quando se aproxima para abrir a porta do quarto este já havia partido. Ela também parte a sua procura. É encontrada em seus sonhos pelos guardas das muralhas, porém desta vez os guardas em seu sonho, batem-na e ferem-na.

E quando questionada pelos guardas o que gostaria que dissessem ao seu esposo, ela lhes responde que deveriam dizer que padecia de amor.

Esta passagem é extremamente comovente, pois simboliza a renúncia pessoal da esposa, embora seja em sonhos, e mesmo em sonhos ela não nega seu amor, procura por ele, e padece por ele pois seu amor era a única coisa que realmente simbolizava vida para ela. É curioso que mesmo os ferimentos que recebe em sonhos não a amedrontam de forma a negar o seu amor, e sua superação é prova de sua completa entrega.

Quando interpelada pelos guardas, o que no poema pode muito bem ser a voz do coro, sobre o que o seu amado tem a mais do que os outros, ela lhes responde com uma descrição apaixonada dos encantos de seu amado.

Os encantos de um rei são descritos por ela com riquezas. A cabeça é descrita como de ouro puro. O corpo é como se fosse um bloco de marfim e safiras. As mãos são comparadas a argolas de ouro incrustadas de pedrarias. As pernas a colunas de alabastro erguidas sobre pedestais de ouro puro, provavelmente pela sua majestade, todavia os elementos predominantes de sua descrição seguem-se em uma repetição de passagens anteriores, nas quais menciona animais, plantas e jardins para descrever a beleza de seu esposo.

O início do capítulo 6, versículo 1 inicia-se com um coro que interpela a esposa sobre o paradeiro do seu esposo, e que estes irão buscá-lo para ela. Esta menciona entre metáforas que este fora procurá-la e torna a frisar seu amor pelo esposo e vice-versa. No versículo 4 permanece a voz do coro que prossegue no diálogo com a esposa e que faz referência a beleza desta comparando-a com Tirsa, antiga capital do reino de Israel, antes da fundação de Samaria, esta palavra significa encantadora. Nos versículos 5, 6 e 7, há uma repetição de expressões de entoação à beleza da esposa, mencionada anteriormente.

No versículo 8 verificamos uma referência a sessenta rainhas e oitenta concubinas, que na realidade trata-se apenas de uma comparação poética, e não uma menção ao harém de Salomão, que com certeza era muito mais importante. Esta referência a tantas mulheres é apenas uma forma encontrada pelo poeta para exemplificar a beleza de sua amada em comparação com outras inúmeras mulheres, sendo que dentre estas apenas ela, a sua eleita, a predileta de sua mãe era a escolhida.

Essa expressão é ampliada nos versículos 9 e 10, no momento em que as referidas rainhas e concubinas, também proclamam a beleza da eleita, e a consideram bem aventurada. O reconhecimento da formosa mulher delimita a escolha do esposo, que detalha pelos versículos 11 e 12, ainda sua beleza comparada as romãzeiras.

No capítulo 7, destacamos o pedido feito possivelmente pelo coro, que pede para que a formosa esposa volte, chamando-a de “Sulamita”. Esta palavra significa oriunda de Sulão, localidade da Galiléia, antigamente chamada Sunão. Este lugar é a terra natal de Abisag e pode possivelmente ter relação com a esposa mencionada no poema. Abisag foi escolhida para aquecer o rei Davi em seus últimos dias, porém não há comprovação de que o termo usado no poema faça alusão a esta donzela. “Por que olhais a Sulamita, quando ela entra na dança de Maanaim”? (B.S. 7:1 p. 832)

Temos neste versículo o diálogo entre o coro e o esposo; o coro pergunta ao esposo por que este a olha enquanto ela entra na dança de Maanaim - essa palavra significa “a dança dos dois acampamentos”. Nesse caso haveria nesta passagem uma alusão a uma dança guerreira praticada por ocasião das núpcias.

Nos versículos 2, 3, 4, 5 e 6, verificamos a admiração do esposo pela graciosidade sedutora dos pés de sua amada enquanto esta dança. A delicadeza dos pés dela é comparada aos pés de uma princesa. É de se admirar também os contornos da esposa, que de tão

encantadores assemelham-se da curva de um colar. Pura graciosidade, coroada pela perfeição do umbigo que ele compara a uma taça preenchida de vinho perfumado, e o corpo por inteiro é semelhante aos campos de trigos cercados de lírios, tamanha a alvura de seus traços.

Os termos utilizados nos Cânticos com certeza são insuperáveis, pois são impregnados de uma extensa linguagem poética para descrever os encantos. Todos os detalhes apontados pelo esposo poderiam ter sido ditos abertamente, todavia as comparações encantadoras que faz do corpo de sua amada conseguem surpreender o leitor. Pois não seria possível expressar-se de forma tão admirável se realmente não tivesse sentido tudo o que deixou transparecer em cada palavra.

O poeta não pode exprimir sua obra apenas pelo momento. Ela somente pode ser considerada obra quando convertida na intimidade de alguém que a escreveu ou leu, e em todas as passagens do Cântico, há inúmeras demonstrações do íntimo do poeta que está inteiramente voltada para a obra.

LOUVORES DO ESPOSO

No capítulo 7, versículos 7,8,9, e 10, o esposo compara a esposa a uma palmeira e ainda cita seus seios como sendo os cachos, refere-se ao perfume da boca da amada como tendo o odor das maçãs, e os beijos, como vinho que corre entre os lábios dele umedecendo-os na hora do sono. Esta passagem está repleta de sedução, e com certeza Francis Landy traduziria esta passagem apenas como sendo um encontro amoroso entre os amantes. Então, perguntamo-nos: o que seria pior, reduzir a mera luxúria tanta entrega ao amor, dizê-lo como algo apenas carnal, algo fugaz digno apenas de um contato de um momento? Pois seria apenas

isso, se não houvesse algo em um plano superior, reduzir tudo ao plano da carne, apenas reduziria o homem ao nível de alguns animais e tudo não passaria de ato de procriação. As palavras podem ser inebriantes por demais, mas não deixam que o mundo naufrague no vazio do mero concreto e real. As abstrações e incoerências também podem produzir frutos menos amargos do que se espera, dessa forma a função poética consegue expressar o que é considerado indizível.

RESPOSTA DA ESPOSA

Ainda no capítulo 7, prosseguindo nos versículos 11,12,13 e 14, é a esposa que agora menciona ser o objeto de desejo de seu esposo, e convida este para sair com ela. Novamente a menção à natureza está fortemente ligada a cena. A esposa convida seu amado para sair aos campos, para passear à noite nos pomares e de manhã para irem às vinhas. O poeta em muitas passagens não dispensa as metáforas ligadas à natureza, traduzindo toda a sua inspiração através da vida animal e vegetal. A amada incentiva o esposo a ir com ela pelos campos, em meio aos vinhedos. Seus amores serão mais eternos em meio a vida que desperta entre as vinhas com seus frutos, e flores que se espalham desde as vinhas até as romãzeiras. Seu desejo é de sentir a vida em sua plenitude em comunhão perfeita com a terra, “Ali te darei as minhas carícias”. (B.S.7:13 p.833). Ali em meio as flores, que exalam perfumes diversos, e as abelhas que produzem uma melodia espontânea, a amada seduz seu esposo com as promessas de frutos, subentendidos como frutos e carícias oferecidos pela amada.

Temos no capítulo 8, versículo 01, um dos desejos da amada que ela deixa claro ao exclamar que se seu amado fosse seu irmão amamentado ao seio de sua mãe, poderia beijá-lo sem que ninguém a censurasse. Nesta passagem temos um contraste da tradição, um costume da época demonstrado nas palavras do poeta que deixa claro que o costume autorizaria então,

e somente nesse caso, que a amada beijasse seu esposo em público, pelo fato de ser seu irmão e apenas nesse caso. Verificamos no versículo 2 a continuidade dos anseios da amada que sonha com o esposo e com a liberdade de poder levá-lo à casa de sua mãe e servi-lo com licor de romãs, de acordo com o costume da época.

DIÁLOGO - II

Nos versículos 5 e 6 do capítulo 8, há um diálogo em que se pode distinguir as vozes do coro, do esposo e da esposa. Esse diálogo tem início com uma pergunta feita pelo coro “Quem é esta que sobe do deserto apoiada em seu bem-amado”? (B.S. 8:5 p.834). A partir daí temos a voz do amado que fala lembrando o fato de ser naquele local onde a mãe de sua amada havia dado a luz.

Agora temos a amada que pede com ênfase que seu amado a coloque como um selo, em seu coração e seus braços, pois é seu amor, forte como a morte que pode salvá-los, enquanto a paixão é violenta como “Cheol”, que quer dizer habitação dos mortos. Os fragmentos da paixão são como centelhas de fogo, um fogo que se expande como uma chama divina, que se alastra e que queima, que ilumina e destrói, enquanto o amor, sentimento de salvação, talvez até mesmo de redenção, mas que nem mesmo as torrentes o poderiam afundar, nem os rios submergir. “Se alguém desse toda a riqueza de sua casa em troca do amor, só obteria desprezo”. (B.S. 8:7 p.834). O amor não se vende, nem ao preço de um dote excepcional, se pudesse ser vendido ou negociado, então não seria mais amor, pois este sentimento tão sorrateiro, invade não pede licença e aquece os nossos corações nas noites frias, e nos faz viver e sonhar acordados. É ele que faz o mundo não ser apenas preto ou

branco, mas ter também outras tonalidades como o cinza, assim como o poeta sente a sua amada e dela é devoto, não descansa ou se cansa de descrever sua beleza, pois no fundo não os encantos da esposa, mas sim o amor do esposo que faz a cada passagem parecer mais apaixonado e cada comparação parece fazer com que seu amor aumente mais. Já no versículo 8, aparece uma passagem que não tem grande relação com o diálogo, sendo uma espécie de apêndice no meio do poema sem grande relação com o diálogo precedente.

No versículo 9 ainda temos uma relação com a passagem do versículo 8, sendo utilizadas metáforas obscuras, tornando a resposta enigmática, nos versículos 10, 11, e 12. Em uma pequena narrativa são mencionadas as videiras de Salomão cuidadas por seus guardas, sendo que cada um deveria dar mil siclos de prata pelos frutos colhidos. A amada menciona que dispõe de sua videira, e designa certa quantia para Salomão e duzentos para aqueles que velam pela colheita. Esta passagem demonstra que a esposa é mais preciosa que a melhor vinha de Salomão, sendo estes dois versículos constituintes de um apólogo. E nos versículos 13 e 14 há duas exclamações do esposo e da esposa que conversam entre si, em determinado momento um pede para ouvir a sua voz, e a outra apenas o compara novamente a um cervo, que deve fugir como a gazela sobre os montes perfumados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos Cânticos oferece a oportunidade ao leitor de explorar o seu próprio interior. É uma busca de respostas que o mundo real não oferece, pois o encantamento metafórico impregnado a cada palavra oferece a chance necessária para que se faça uma viagem voltada para os próprios sentimentos. Quem nunca sofreu de amor, ou não esteve apaixonado na vida, então que atire a primeira pedra. O pior erro que podemos cometer é ignorar o apelo que amor oferece, por ele e com ele percebemos que somos humanos, e não meras engrenagens funcionais nesse pobre mundo roto e capitalista.

Nem sempre a realidade, o cotidiano, oferece o complemento que nos tornará fortes, simplesmente por que não sabemos amar, e independente do amor ser Eros, Filial, Fraternal ou Paterno, o que mais vale realmente é amar, e sentir-se amado, pois o amor nos torna realmente fortes, ou pateticamente loucos, afinal, de poeta e de louco cada um de nós tem um pouco.

Em todo o caos que ilusoriamente a poesia pode causar, ou aparenta ser, ela tende ser a passagem, a palavra antiga que ninguém mais conhece, o livro sem nome que de repente e tão somente se transfigura em um brilho místico e nos declara: Sim, o amor existe, pois a poesia pode dizer tudo isso e muito mais, e ainda antes de ser compreendida.

BIBLIOGRAFIA

- BLANCHOT, Maurice. O espaço Literário. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous. Centro Bíblico Católico. 10ª ed., Editora Ave Maria São Paulo. 1997.
- FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da Lírica Moderna. Da metade do séc. XIX a meados do séc. XX). Trad. Marise M. Curioni. 2ª ed. São Paulo. Editora Duas Cidades, 1991.
- LANDY, Francis. Guia Literário da Bíblia. Trad. Raul Siker. Editora Unesp, 1997.
- PAZ, Octávio. O Arco e a Lira. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1982.
- ROCHA, Ruth. Minidicionário Enciclopédico Escolar. Editora Scipione. 10ª ed. São Paulo, 1997.
- SCHÜLER, Donaldo. Teoria do Romance. ª ed. Editora Ática. Série Fundamentos 49, São Paulo, 2000.